

A etnografia na comunicação: estratégias e metodologias desenvolvidas para o estudo do programa radiofônico Sala de Redação

*Marcel Neves Martins*¹

*Liiviane Borell*²

Resumo

Para a realização da pesquisa “*Sala de Redação: um estudo etnográfico das dinâmicas e estratégias de enunciação dos debatedores*” foi exigida a articulação de uma série de estratégias e metodologias para o desenvolvimento do trabalho de campo. Entender o funcionamento do programa demandou o estudo e desenvolvimento de estratégias para a realização das observações. Este artigo busca discutir as técnicas de pesquisa, as estratégias metodológicas e o trabalho de campo na área de Comunicação Social. A discussão resulta de uma parte do trabalho final de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário Franciscano (Unifra), desenvolvido em 2007 sobre o programa radiofônico de debates Sala de Redação, da Rádio Gaúcha – Porto Alegre, RS.

Palavras-chave: *Sala de Redação. Mídia. Etnografia*

1. Introdução:

O rádio é a mídia que conta, principalmente, com a fala para a construção de sentidos. Em um programa de debates, por exemplo, pressupõe-se a existência de múltiplas vozes que interagem e estão “recheadas” de inúmeros movimentos nos processos de enunciação. Assim, esses movimentos compõem os atos enunciativos, fazendo com que a mensagem final capturada pelo ouvinte seja fruto de um jogo entre os atores que participam da mesa-redonda.

Este artigo busca apresentar as estratégias e metodologias utilizadas para a realização do trabalho de campo no programa *Sala de Redação – debates esportivos*, da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS). O *Sala de Redação* é composto por sete pessoas, a

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria, RS.

² Orientadora do TFG. Professora adjunta do Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria, RS. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Pesquisadora CNPq.

maioria jornalistas especializados em esporte: Ruy Carlos Ostermann, Lauro Quadros, Wianey Carlet, Paulo Sant'Ana, Luis Carlos Silveira Martins (Cacalo), Kenny Braga e Adroaldo Guerra Filho (Guerrinha). Wianey Carlet é escalado para substituir algum dos outros participantes que não pode ir em função de compromissos profissionais ou pessoais.

O uso de determinadas técnicas de observação tem a intenção de mostrar o que o ouvinte não percebe na construção de sentidos pelo rádio, já que um jogo de encenações configura as vozes que os ouvintes escutam. Por isso, a importância da ida a campo para a realização da etnografia do *Sala de Redação – debates esportivos* e, na mesma medida, a discussão que se propõe sobre as maneiras de se trabalhar junto ao objeto de pesquisa.

O programa *Sala de Redação* é marcado não apenas pelos discursos de seus participantes, mas por todo um conjunto de relações para sua efetivação. Os discursos estão ligados a contextos particulares de enunciação. As diversas falas que aparecem para os ouvintes derivam das interações estabelecidas ao longo do programa.

Nas relações que se apresentam em um programa radiofônico as palavras não constituem o único elemento nos atos de enunciação. Como já citado, mesmo que no rádio o trabalho seja essencialmente com a fala, outros aspectos como gestos e olhares, configuram o processo de construção de sentidos. Nessa linha, a linguagem radiofônica apresenta-se de duas formas: verbal e não-verbal. Esse fato colabora para uma das características do rádio, que é a capacidade de aguçar o imaginário do ouvinte para capturá-lo e levá-lo para dentro do próprio programa.

2. Rumo ao trabalho de campo

Para se entender a mecânica de um programa radiofônico de debates, no qual existe uma série de movimentações efetuadas pelos participantes, a observação apresenta-se como metodologia que busca compreender os atos de enunciação em sua totalidade e os contextos de articulação das falas. A ida a campo propicia a interpretação e a compreensão das dinâmicas que se desenvolvem em um programa de debates. “A vantagem de ser um observador participante reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais” (Burgees, 1997: 86).

A etnografia foi um método utilizado para a interpretação dos contextos em que se desenvolvem as produções de sentidos no *Sala de Redação*. Acredita-se que esse tipo de pesquisa constitui a maneira ideal para se visualizar as estruturas significantes que compõem os movimentos dos componentes da mesa-redonda onde são travados os debates.

Nesse sentido, a etnografia mostra com detalhes alguns dos processos sociais do cotidiano: “talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto” (Oliveira, 1996: 25). Ainda, a etnografia pode ser definida como “parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas” (Travancas, 2006: 100). Tais características podem ser traduzidas da seguinte forma: a riqueza de detalhes que a ida a campo proporciona, a observação dos fenômenos da realidade no lugar em que ocorrem, o contato próximo com o objeto de pesquisa e as interpretações e reflexões que podem ser feitas *in loco*.

O trabalho de campo possibilitou a observação direta do programa ao vivo e dos movimentos individuais de cada participante e também os coletivos nas interações que se estabelecem como ações que projetam estratégias nos processos de enunciação. Essa observação foi realizada em cinco programas e se refere aos dias 10, 11, 12, 15 e 16 de outubro de 2007.

Contudo, a observação das rotinas produtivas no sentido atribuído por Wolf (2003), onde há uma fase de coleta, de seleção e outra de apresentação, não aconteceu, pois o formato do programa é distinto de outros, já que os integrantes se juntam apenas minutos antes de ir “ao ar” ou mesmo quando ele está começando e, portanto, não há produção conjunta/coletiva previamente ao seu início. Por isso, foi realizada a observação do momento em que o programa se concretizava e não dos instantes anteriores, o que demandaria acompanhar cada um dos debatedores em rotinas diferentes.

A observação direta foi realizada, mas para isso foram utilizados alguns conceitos de observação participante, na medida em que se passou quase uma semana observando o *Sala de Redação*. Enfim, o que aconteceu foi uma aproximação das técnicas de observação participante.

Como ocorrem múltiplas interações entre os debatedores, a observação direta facilita a coleta de dados e a análise dos elementos que compõem as estruturas desse dispositivo de comunicação. A observação das interações que ocorrem no *Sala de Redação*

cumpra a função de se ter o conhecimento da ordem social, pois é com base nas pequenas relações que se visualizam os processos interacionais entre os campos sociais: “a ordem interacional é uma das modalidades da ordem social inteira” (Winkin, 1998: 137).

Outro fator preponderante na realização da etnografia é a presença do pesquisador no cotidiano do grupo que está sendo pesquisado. É somente com a ida a campo que o observador pode tomar conhecimento dos comportamentos que esses atores sociais desenvolvem de acordo com as situações e com os contextos em que estão envolvidos. As suas interpretações diante das conversações aparecem em meio às múltiplas vozes e aos significados que atribuem às diferentes situações sociais.

Na medida em que o pesquisador mostra que o grupo observado é o centro de sua investigação e, portanto, está livre para realizar movimentos, inicia-se o processo de definição de papéis juntamente aos participantes do programa. Com efeito, o pesquisador pode ser aceito de forma diferente pelos membros, pois as imagens que são criadas a seu respeito estão relacionadas com as apreensões que fazem do seu modo de ser. Nesse sentido, “a diversidade de papéis que os investigadores podem assumir e as relações que estão estabelecidas estão estreitamente ligadas às características pessoais” (Burgees, 1997: 96).

Ser reconhecido no ambiente que envolve o objeto da pesquisa tornou-se fundamental e embora a observação do *Sala de Redação* durante cinco dias estivesse autorizada previamente, buscou-se conversar brevemente com os membros do programa antes do início da investigação, no primeiro dia, para explicar o que seria desenvolvido. Com isso, adquiriu-se consideração, respeito e autonomia para o convívio que se estabelecia e para as análises no campo de estudo.

A observação está ligada às maneiras como se é visto no campo de investigação e, desse modo, o investigador deve, segundo Burgees (1997), procurar amenizar as diferenças que existem entre ele e os sujeitos que constituem o cenário da pesquisa. Estabelecer uma relação profissional, com respeito e confiança com os membros do programa foi fundamental, pois o observador procurou não interferir no curso natural dos programas.

Para a pesquisa, utilizaram-se algumas ferramentas que foram essenciais para a sua concretização: bloco de anotações (diário de campo), câmera de vídeo, câmera fotográfica e gravador para as entrevistas.

Na medida em que o bloco de anotações não foi o único objeto para investigação, pois se usou uma câmera de vídeo, procurou-se posicioná-la em um local que não

prejudicasse os deslocamentos dos integrantes do *Sala* dentro do estúdio. Assim que o programa anterior terminou, aproveitou-se o intervalo até a entrada dos participantes para instalar o tripé com a câmera e já iniciar a gravação. A câmera ficou ligada e imóvel até o mediador Ruy Carlos Ostermann dar por encerrado o programa.

Quanto à observação em si, procurou-se ficar ao lado da câmera e, desta maneira, em um local que não prejudicasse o andamento do debate. O pesquisador posicionou-se perto da segunda porta que dá acesso ao estúdio e atrás do mediador. O posicionamento do observador nesse local foi o mais adequado para evitar que a sua presença atrapalhasse o desenvolvimento normal do programa.

Os movimentos realizados pelo pesquisador e pelos pesquisados são variados e permeados por situações de envolvimento e pára-envolvimento. Como refere Winkin (1998), toda a situação de envolvimento abstrai os comportamentos da ordem privada dos sujeitos e projeta aqueles que são julgados pertinentes para adoção em público. Com isso, ocorre uma projeção de cada sujeito no espaço social que pode estar composto por outros sujeitos ou dispositivos de comunicação que possibilitam o estabelecimento de conversações. Nesse contexto, “a noção de envolvimento acarreta a de “pára-envolvimento” (*involvement shield*). O pára-envolvimento são todas as estratégias que vamos utilizar para tentar não nos envolver – com toda legitimidade” (Winkin, 1998: 136).

Para evitar-se o envolvimento com o mediador e debatedores e, em conseqüência, com os contextos discursivos onde se efetivava o debate, procurou-se avisá-los sobre a pesquisa que seria desenvolvida (para evitar uma surpresa ao se depararem com um pesquisador e suas ferramentas de trabalho no estúdio) e cuidar dos movimentos realizados durante as observações. Por isso, as fotografias com a câmera digital só foram feitas a partir do terceiro programa observado. Contudo, não foi possível evitar duas situações de envolvimento: no primeiro programa houve uma apresentação do pesquisador e deste trabalho ‘no ar’ para os ouvintes a pedido de Lauro Quadros; no último, atendendo à solicitação de Kenny Braga, falou-se sobre a instituição à qual a pesquisa estava vinculada e sobre que tipo de trabalho foi desenvolvido. Destaca-se que essas situações ocorreram para sanar uma curiosidade dos investigados acerca do que estava sendo desenvolvido.

3. Técnicas para a investigação

Com base nas idéias desenvolvidas anteriormente, três quesitos foram, portanto, fundamentais para a realização da etnografia do *Sala de Redação*: o saber ouvir, o olhar e o escrever, saberes relacionados por Winkin (1998). Primeiramente, o trabalho se constitui embasado na audição e visão, pois são estas ferramentas que indicam ao pesquisador os recortes que deve fazer durante a observação para, após, iniciar o processo de codificação.

Depois que determinadas teorias foram estudadas, o pesquisador foi a campo com um olhar diferenciado, isto é, uma visão particular do seu objeto, porque o próprio modo de visualização já altera previamente o objeto. Como lembra Oliveira (1996), o olhar está permeado pela teoria que se refere ao objeto, sendo que não se constitui com uma mera observação ingênua da realidade. Principalmente para a análise de um programa radiofônico, o olhar necessita estar referendado por conceitos precisos que indiquem e norteiem os caminhos a serem percorridos no processo, pois os modos e contextos de enunciação são desconhecidos.

Nesta medida, o *Sala de Redação* deixa de ser visto apenas como um programa radiofônico que constitui a grade de programação de uma emissora, mas também como um lugar de construção e veiculação de sentidos e que está constituído de participantes, os quais executam movimentos diferenciados nos seus atos enunciativos, participando de contextos particulares na construção de discursos.

Outro sentido que deve estar apurado é o da audição. Ouvir com atenção significa apreender as falas que aparecem como estratégias discursivas em meio às conversações estabelecidas no debate. A faculdade do escutar permite, ainda, que se possa extrair do conjunto das enunciações os fragmentos necessários para verificação dos propósitos da pesquisa. E saber ouvir significa, também, ter a sensibilidade de questionar as pessoas certas em momentos adequados.

Contudo, olhar e ouvir são atos cognitivos que não se desenvolvem separados, isto é, são interdependentes. Essas duas ações atuam de forma combinada e só efetivam os objetivos da pesquisa quando se complementam. A visão vai captar as movimentações dos atores enquanto a audição vai filtrando as várias falas. O encaixe entre esses atos está justamente na associação das imagens registradas na memória do pesquisador com as devidas falas, as quais deu prioridade de escuta e associa com os movimentos que chamaram mais atenção.

Para a realização do trabalho de ver e ouvir, a compreensão da linguagem do programa *Sala de Redação* foi fundamental. O conhecimento do tipo de linguagem usada

pelos participantes e das características do rádio possibilitou que o trabalho de campo estivesse alinhado aos propósitos da pesquisa. Com isso, a complementação da etnografia do *Sala de Redação* com entrevistas semi-estruturadas cumpriu a função de proporcionar o conhecimento, com detalhes, das características dos participantes, do que pensam sobre o programa que integram, como percebem as relações que se estabelecem diariamente com os colegas, entre outras questões.

A opção pela realização desse tipo de entrevistas vai ao encontro da tese de que esse tipo de abordagem possibilita aos informantes não estarem presos a um questionário. Nas entrevistas, procurou-se adequar os tópicos ao desenvolvimento das falas dos entrevistados, pois uma única resposta poderia conter os elementos propostos em dois ou mais tópicos. “Esta estratégia, argumenta-se, dá aos informantes uma oportunidade para desenvolver as suas respostas fora de um formato estruturado” (Burgees, 1997: 112), mas a partir de tópicos desenvolvidos ao longo da entrevista pelo pesquisador.

Para as entrevistas foram usados os seguintes temas: os papéis desempenhados pelos participantes do *Sala*, a figura do mediador, as divergências que acontecem em um programa de debates e as representações que sugerem o nome *Sala de Redação*.

Ainda, a compreensão da linguagem do objeto de pesquisa surge como um dos pré-requisitos para a entrevista. O conhecimento da mecânica que envolve o funcionamento do programa é outro pressuposto que atua para a formulação dos temas que orientam a entrevista, pois é necessária a observação dos sujeitos a serem entrevistados e dos seus movimentos. Elas, “raramente são conduzidas isoladamente; fazem freqüentemente parte de um programa de investigação e utilizam o conhecimento que o investigador tem da situação social” (Burgees, 1997: 116).

Para a realização das entrevistas, no entanto, buscou-se observar e conhecer cada participante no primeiro programa. A partir do segundo dia de observação, iniciou-se o processo de entrevista com os participantes, exceto com Paulo Sant’Ana, por motivos de saúde do debatedor. O trabalho de campo foi concretizado, dessa maneira, com as filmagens e fotografias, pois esses elementos são formas de registro além do diário de campo e também possibilitam os movimentos de “ida” e “vinda”.

Contudo, a pesquisa não se efetiva sem o processo de codificação das observações de campo. Nesse sentido, além do olhar e do ouvir, a escrita também aparece como quesito fundamental para a realização da etnografia do *Sala de Redação*. O ato de escrever não se confirma de modo independente e somente conforme as pretensões de quem escreve, pois

o processo da escrita está baseado em teorias que sustentam a realização do trabalho de campo. Assim, escrever significa aliar a teoria com as observações do cotidiano e, ainda, com os propósitos da pesquisa, sistematizando e refletindo sobre o objeto.

A existência do diário de anotações configura todo esse processo de interpretação dos fatos. O diário é o instrumento essencial para o registro dos fatos que circunstanciam o processo investigativo e funciona como meio de registrar as observações, leituras e reflexões acerca do objeto. O bloco de anotações foi dividido ao meio: à esquerda, ficaram os comentários e as observações a respeito do objeto e à direita ficou a descrição sobre as impressões do pesquisador acerca do processo investigativo.

Conforme Winkin (1998), o diário cumpre três funções: emotiva, empírica, além da reflexiva e analítica. A primeira diz respeito à particularidade das anotações do pesquisador como informações que traduzem o seu modo de ver o mundo; o diário é o documento íntimo que só o pesquisador deve ter acesso. A outra função é a empírica e está relacionada às anotações feitas com base nas observações de campo. Por último, “a terceira função do diário é reflexiva e analítica. Vocês vão reler-se regularmente e fazer anotações (à esquerda)” (Winkin, 1998: 139).

No entanto, a constituição do diário é realizada, segundo Oliveira (1996), no gabinete, ou seja, em um lugar onde o pesquisador está a sós com seu bloco para articular as suas idéias e compreender as anotações que fez em campo, para transformar em texto os processos de observação. O ato de escrever em gabinete cumpre a função cognitiva de maior importância em todo o processo, pois é nesse lugar que acontece um encontro mais próximo do pesquisador com as teorias que sustentam sua pesquisa. A interpretação das observações, portanto, passa por um filtro formado pelas respectivas disciplinas que orientam o trabalho de campo.

No diário constavam as anotações referentes a cada dia de observação com destaque para os atores, os ambientes e as ações, a saber, os aspectos mais importantes julgados pelo pesquisador. Para a reflexão acerca dessas questões, todos os dias, à noite, olhava-se o diário do respectivo dia e fazia-se a interpretação do que estava anotado – juntamente com a lembrança do que tinha acontecido nos programas. Era o momento em que se voltava, em gabinete, para o objeto e a problemática de pesquisa, porém, com um olhar analítico e não mais só investigativo como o do trabalho em campo.

4. Considerações finais

A mídia, legitimada pela sociedade, promove uma construção simbólica acerca das ações e relações que se estabelecem internamente aos campos sociais e entre os mesmos, isto é, além de suas fronteiras. Nesta medida, apreende os fatos, interpretando as múltiplas realidades existentes, fazendo enquadramentos, recortes, articulando as suas simbólicas com as de outros campos e produzindo sentidos. Mas para que isso seja possível, ela articula uma série de mecanismos para a colocação de determinados assuntos na sua agenda, utilizando diferentes estratégias nas suas enunciações.

Para a visualização desse processo simbólico de articulação de falas a etnografia é o método importante de investigação que possibilita a realização do trabalho de campo. A sua importância justifica-se pela forma como propicia a compreensão dos processos e movimentos realizados pela sociedade no cotidiano. A presença do pesquisador *in loco* possibilitou, nesta pesquisa, a ida até o lugar de apropriação simbólica e construção de sentidos pela mídia.

No entanto, ir a campo é uma tarefa que requer planejamento, adoção de estratégias, modos de ação e relação com o objeto de pesquisa. Da mesma forma, exige habilidades para o momento da observação, pois imprevistos acontecem e deve-se saber lidar com eles.

A ida a campo representa a imersão em uma realidade desconhecida ou conhecida de forma limitada sem a compreensão de sua complexidade e funcionamento. O trabalho junto ao *Sala de Redação* cumpriu essa função de mostrar as articulações que a mídia realiza diariamente no seu processo de mediação simbólica. Assim, a etnografia do *Sala de Redação* mostrou que as relações entre o campo midiático e os demais campos são complexas e frutos de deslocamentos, tensões, apropriações de simbólicas, entre outras.

Por fim, acredita-se que o trabalho de campo evidencia práticas internas de determinado grupo que, na sua totalidade, são desconhecidas. É apenas indo ao lugar dos acontecimentos que se tem uma noção dos movimentos que a sociedade realiza no dia-a-dia, seja nas relações internas a um campo social ou nas realizações entre eles. A realização da etnografia do programa *Sala de Redação* articulou os fenômenos observados em campo com as teorias componentes do conjunto das disciplinas que explicam a mecânica do funcionamento da sociedade a partir do processo da escrita.

Referências Bibliográficas

- BURGEES, Robert G. **A pesquisa de terreno: uma introdução**. Oeiras: Celta, 1997.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: Revista de Antropologia. v.39, n. 1. São Paulo: USP, 1996.
- TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papyrus, 1998.